

## **A(S) AULA(S) UNIVERSITÁRIA(S) “ALTAR SAGRADO” AO “ACONTECIMENTO”**

Maria das Graças Auxiliadora Fidelis **Barboza** – UCSAL

Celia Maria Fernandes Nunes – UFOP

### **Resumo**

A aula universitária tem sido considerada como fenômeno de natureza coletiva e complexa atravessada por diferentes crenças e valores, não podendo, portanto ser simplificada. Nesse artigo a aula universitária foi assumida como interesse investigativo, metaforizada como coreografia de ensino. O objetivo consistiu em mostrar as aproximações e distanciamentos nos modos de conceber e produzir a aula universitária pelos docentes e seus desdobramentos na prática. Trata-se de uma pesquisa qualitativa desenvolvida em uma universidade privada brasileira, onde foram realizadas observações de aulas e entrevistas semidiretivas com oito docentes das áreas de Educação, Saúde, Ciências Exatas e Direito. Conclui-se que a aula universitária assim apreendida, se desloca do “altar sagrado” e revela-se como um “acontecimento”. Em sua configuração sociológica e pedagógica, deve ser entendida não como tempo/espço demarcado unicamente pelo instituído, mas também pelas práticas instituintes de um ambiente relacional, composto pelas estruturas visíveis instituídas (conteúdos, sistemas de avaliação, metodologias) e pelas estruturas não visíveis, que se revelam na performatividade dos gestos, e abrigam as relações, a afetividade, as tensões e o inédito.

**Palavras-chave:** Aula universitária; docência universitária; prática pedagógica.

## **A(S) AULA(S) UNIVERSITÁRIA(S): “ALTAR SAGRADO” AO “ACONTECIMENTO”**

### **DO INICIO**

Muito já se falou/pesquisou sobre a aula no ensino médio e fundamental; contudo, a aula no ensino superior continua sendo vista como um “altar sagrado” da academia que deve ser preservado, que não pode ser desvelado. Tratando-se do ensino superior, o que é mesmo a aula para os docentes universitários? E para os estudantes universitários? Questão aparentemente simples, óbvia para muitos,

a aula universitária sempre despertou curiosidade, visto que para além de sua aparente simplicidade e obviedade, guarda particularidades, singularidades até então pouco conhecidas e interpretadas. Esta seria uma das razões para conhecê-la naquilo que ela sugere e esconde, dissimula e revela, à procura das teias de relações que constituem a condição e experiência humana nas interações do aprender e ensinar nos múltiplos tempos e espaços da vida social.

Estudos sobre a docência universitária ao buscar explicações para os processos constitutivos da práxis pedagógica, pouco avançam na discussão sobre os processos produtores do cotidiano da sala de aula universitária. As relações, as estruturas macro e micro sociais não são articuladas dialeticamente nessas análises, alguns estudos consideram apenas os aspectos externos, ou seja, situam os elos (ou nexos) causais do processo pedagógico nas políticas educativas, na sociedade ampliada; outras fazem referência apenas aos fatores internos, aqueles ocorridos no interior da sala de aula (LIBÂNEO,2002).

Colocar em discussão a aula universitária como espaço para além da dimensão didático-pedagógica em sentido restrito, mas como um evento atravessado não só por conhecimentos mas, principalmente por relações intersubjetivas e vivências de cunho afetivo, valorativo e ético, foi instigante para analisá-la. A consideração destas dimensões é não apenas necessária, mas proveitosa para se adentrar nas práticas e no pensamento do docente como organizador, estruturador, explicitador da didática que utiliza, bem como para se compreender a organização dos processos pedagógicos, as condições de trabalho e as relações pedagógicas no interior da sala de aula. Mostrar como a pedagogia buscou dar forma à sala de aula, à disposição do espaço, seus rituais, modos de interação e comunicação talvez ajude os docentes a lidarem com os temores e desafios existentes em torno do ensino e da aprendizagem na sala de aula universitária e, por conseguinte, favorecer uma melhor apropriação desse espaço e tempo de ação.

Este artigo, apresenta parte de uma investigação que debruçou-se sobre a(s) aula(s) universitária(s) na sua pluralidade e multirreferencialidade, como um “acontecimento”, tarefa que exigiu reconhecer suas dinâmicas e processualidade. Com o cuidado que requer a temática buscamos “invadir” a sala de aula do ensino superior privado e transitar por entre os labirintos da aula. Esse propósito demandou conhecê-la não apenas na sua dimensão epistêmica que engloba o ensinar e o aprender, mas naquilo

que ela sugere, evoca, esconde, dissimula. A expectativa foi (re)conhecer as tramas engendradas nas teias de relações que configuram a aula em sua dimensão didático-pedagógica, concebendo-a como “acontecimento”. Este olhar envolveu: atores sociais, movimentos, sequências didáticas, tempos/ritmos, corpos, gestos, relações interativas. Contemplou, ainda, textualidades e estruturas visíveis e não visíveis que configuram a encenação de aula, que revelam os passos dançantes da didática, por analogia, denominada, neste estudo de *coreografias de ensino*<sup>1</sup>. A expressão coreografia deslocada para o campo da educação foi cunhado por Oser & Baeriswyl (2001), ao referir-se a conexão entre o ensino e os passos de aprendizagem. O esforço esteve voltado para a(s) aula(s) universitária(s) na tentativa de entender melhor esse “acontecimento” em que se desenrolam as articulações e contradições entre o eu e o outro, as interações face a face, a criatividade e o conformismo (ZUBEN,1989). Contém, ainda, a arte e a ciência, a fala dialógica e a fala impositiva, como também a difusão e a infusão de ideias contidas nos processos comunicativos próprios da sala de aula e da cultura acadêmico-pedagógica.

## DO CAMINHO PERCORRIDO

No que concerne à pesquisa, desenvolvemos a investigação em uma universidade privada (comunitária/confessional) brasileira. Tal escolha deve-se a duas razões: as pesquisas voltadas para o ensino superior no Brasil têm priorizado as universidades públicas, enquanto as de iniciativa privadas geralmente aparecem apenas compondo os dados estatísticos de seu crescimento acelerado pós-1990. De outro lado, essa é uma universidade privada filantrópica, que congrega professores de outras instituições de ensino superior (públicas e privadas). Foram escolhidas para análise as aulas de cursos nas áreas de Educação; Direito; Ciências Exatas e Saúde, qual seja, foi considerada a diversidade de áreas de conhecimento, de modo a oferecer um retrato mais rico acerca da aula universitária. Tínhamos como suposto que, em cada área do conhecimento, desenvolve-se a aula de forma distinta, considerando principalmente a

---

<sup>1</sup> Coreografias de ensino (...) a coreografia de ensino é uma série de passos que a dança cumpre simultaneamente com dois tipos de demandas. De um lado, o bailarino pode criar livremente no espaço disponível e mostrar todo o seu repertório expressivo; por outro lado, o artista vê-se limitado pelos elementos que constituem a coreografia, o ritmo, a estrutura métrica, a formação e sequência musical, etc. OSER & BAERISWIL (2001)

natureza do curso, as suas finalidades de formação mais geral ou mais técnica e o perfil epistemológico do saber de referência de cada curso.

No delineamento mais adequado da investigação, algumas questões emergiram e nos orientaram. Como os docentes universitários produzem e interpretam suas aulas, porque e em que contextos o fazem? Quais sentidos e significados eles atribuem às suas dinâmicas e processualidades em sala de aula? Quais os fundamentos que os docentes universitários evocam para justificar suas ações em sala de aula?

A investigação foi realizada nas aulas dos professores dos Cursos de Direito, Enfermagem, Pedagogia e Informática. Na primeira fase foram observadas seis aulas de cada um deles em diferentes períodos, turnos e horários totalizando quarenta e oito aulas. Na segunda fase foram realizadas entrevistas semi-diretivas com cada docente participante da pesquisa, para conhecer o modo como eles pensam e fundamentam suas práticas.

Foram analisadas as aulas de dois docentes de cada curso, num total de oito sujeitos, sendo 04 homens e 04 mulheres, localizados em faixas etárias assim especificadas: três (03) entre 30 e 35 anos; dois (02) entre 40 e 50 anos e 03 entre 60 e 70 anos; em diferentes estágios de sua carreira: três (3) nos anos iniciais (1 a 5 anos); dois (2) nos anos intermediários (10 a 15 anos) e três (3) nos anos finais (mais de 20 anos). As vozes dos professores atravessam as análises para compor um diálogo entre as suas formulações acerca de suas concepções e performances em sala de aula. Nesse horizonte, analisamos as tensões e dificuldades que ocorrem no contexto da aula universitária.

Para analisar e interpretar as questões apontadas ao longo do estudo, encontramos respaldo em Oser e Baeriswyl (2001), Altet (2000), Postic (2007) Zabalza (2004), Dussel e Caruso (2003), Cunha (2003;1997), Pimenta e Anastasiou (2000), Libâneo (2005) Lucarrelly (2009) Isaia (2006) e Morosini (2006) que vêm pesquisando e discutindo, entre outros aspectos, a pedagogia universitária com reflexões sobre a prática do professor universitário; sobre os desafios da docência universitária; sobre as inovações pedagógicas no ensino superior; políticas públicas para o ensino superior; práticas e relações pedagógicas entre outros.

## **DA(S) PEDAGOGIAS E DA(S) AULA(S) UNIVERSITÁRIA(S)**

Nas últimas décadas a Pedagogia e, em particular, a universitária, vem sendo posta em questão. Para Larrosa (2004, p. 8) o maior perigo para a Pedagogia de hoje está na “arrogância dos que sabem, na soberba dos proprietários de certezas, na boa

consciência dos moralistas de toda espécie, na tranquilidade dos que já sabem o que dizer aí ou o que se deve fazer e na segurança dos especialistas em respostas e soluções”. Para o autor, é urgente recolocar as perguntas e mobilizar a inquietude.

Avançando nessa linha de raciocínio cabe interrogar: faz sentido, atualmente, falar de Pedagogia no singular, ou se, ao contrário, ela se expandiu e diversificou de tal modo que não comporta uma única forma de concebê-la e de abordá-la. É preciso pensar numa perspectiva plural: as “Pedagogias”. Nos dias de hoje seria mais adequado falar de uma “inflação” de pedagogias pela variedade de temas, concepções e formas de abordagem existentes (DUSSEL & CARUSO, 2003, p.23).

Percorrendo a história da pedagogia, constata-se a impossibilidade de se falar dela como uma entidade única, porque, através dos tempos, esta vem sofrendo mudanças não apenas em sua concepção, em seus diferentes significados, mas também na sua abrangência. Se a pedagogia e, particularmente, a universitária não é única, não se pode pensar num modelo único de ensino e/ou de aula universitária, uma vez que tem havido pluralidade e diversidade de processos de ensino e aprendizagem conjugados à prática de pesquisar e avaliar. De igual forma, os contextos institucionais das aulas e das salas de aulas e seus protagonistas são também múltiplos e diversos.

Mediante tal preocupação a Pedagogia Universitária é concebida como um processo histórico, uma invenção da modernidade que ao longo dos anos vem tomando contornos complexos e dinâmicos. Uma trajetória que busca compreender elementos que estão na origem das mudanças que a universidade tem apresentado através dos séculos e a maneira como elas têm influenciado o ensino universitário, em particular, a(s) aula(s).

É imprescindível compreender como a pedagogia desempenhou um papel importante no momento de organizar e dar um contorno a um dos nossos mais antigos e conhecidos ambientes escolares: a sala de aula. Isso porque, à medida que vamos estudando, analisando e discutindo a realidade da universidade e da *pedagogia universitária*, vamos construindo ideias mais claras de como os professores universitários podem melhorar a qualidade da docência.

Embora muito recentemente a pedagogia tenha ampliado sua abrangência da infância até a terceira idade, (DUSSEL & CARUSO, 2003) ela manteve a mesma

intenção de “pedagogizar”, “de cuidar”, usando os mesmos artifícios de se impor regras e manter a vigilância. A ampliação da abrangência da pedagogia, por sua parte, não se restringe a isso e nem se limita a uma atuação escolar.

A esse respeito Beillerot (1985) expressa que a sociedade contemporânea é genuinamente pedagógica. Para ele as transformações que vêm ocorrendo na sociedade do conhecimento permitem entender a educação como fenômeno transdisciplinar que se efetiva em diferentes lugares quer institucionalizados, como, por exemplo, a escola, quer não, como acontece na pedagogia da rua, da comunidade, na pedagogia do teatro.

Ainda que Lucarelli (2000, p. 36) considere alguns dos elementos elencados por esses autores como constitutivos da pedagogia universitária, a autora a compreende como um espaço de conexão de “conhecimentos, subjetividades e cultura, exigindo um conteúdo científico, tecnológico ou artístico altamente especializado e orientado para a formação de uma profissão”.

Tendo como foco a(s) aula(s) universitária(s) buscamos através da observação e da escuta dos docentes participantes da pesquisa entender melhor esse “acontecimento” imprevisível e dinâmico, em que se desenrolam as interações entre os sujeitos socioculturais docentes e estudantes, entre a criatividade e o conformismo. Contém, ainda, a arte e a ciência, a fala dialógica e a fala impositiva, como também a difusão e a infusão de ideias contidas nos processos comunicativos próprios da sala de aula e da cultura acadêmico-pedagógica.

Vejamos o que narra a Profa Betânia sobre a aula:

*Para mim uma aula... eu diria... num primeiro plano que é um momento feliz para o professor. Ensinar é uma coisa que eu verdadeiramente gosto de fazer. Porém uma aula ela tem uma dimensão muito maior do que o sentimento pessoal do professor em relação à aula. Eu diria que uma aula é uma interação é um momento único em que eu até me considero privilegiada porque normalmente eu sou uma em frente a sessenta alunos e esses alunos estão sempre contribuindo para que eu seja uma pessoa melhor. Eu me sinto bem quando dou aula, mas eu vou responder mais precisamente, uma aula para mim é um momento em que o aluno deve ter a sensação exata de que ele não perdeu seu tempo e de que algo lhe foi acrescentado. (Profa. Betânia, Curso de Direito)*

Colocar em discussão a aula universitária como espaço para além da dimensão didático-pedagógica em sentido restrito, mas como um evento atravessado não só por conhecimentos mas, principalmente por relações intersubjetivas e vivências de cunho afetivo, valorativo e ético, foi instigante para analisá-la. A consideração destas dimensões é não apenas necessária, mas proveitosa para se adentrar nas práticas e no pensamento do docente como organizador, estruturador, explicitador da didática que utiliza, bem como para se compreender a organização dos processos pedagógicos, as condições de trabalho e as relações pedagógicas no interior da sala de aula. Analisar como a pedagogia buscou dar forma à sala de aula nos ajuda a compreender a dinâmica do que acontece nesse *locus* privilegiado da relação ensino e aprendizagem, assim como os desafios e tensões vivenciados pelos atores docentes e discentes universitários.

De outra parte, se a aula é, acima de tudo, uma prática relacional, essa prática ocorre sempre numa situação particular, em condições singulares e num contexto específico: a sala de aula, *locus* historicamente privilegiado deste “acontecimento”. Contudo, mesmo as pesquisas preocupadas com as análises mais apuradas, visando encontrar explicações para as dificuldades do processo de ensino e aprendizagem escolares, dedicaram-se mais a apresentar novas técnicas e métodos didáticos. Esqueceram-se de considerá-las como algo maior e mais complexo, envolvendo questões da ordem das interações humanas, tal como se passa no evento/acontecimento da aula.

*Bom, eu acho que uma aula é um encontro.(...) encontro entre educador e educando, com vistas à construção de um conhecimento. É a partir desse encontro que algo interessante vai surgir que eu posso chamar esse algo de conhecimento. É um encontro dinâmico, claro, porque não é linear. Se a gente tem uma visão crítica, dialógica, a gente entende que tanto o educador quanto educandos vão participar e construir juntos aquele conhecimento e aquele saber, e por isso eu entendo que é dinâmico, né? Por mais que a gente planeje como uma boa pedagoga, que a gente sugira um caminho como pessoa mais experiente, mas ainda assim, neste encontro coisas surgem, porque é dinâmico, porque é dialógico, porque é vivo. ( Profa.Sandra , curso de Pedagogia)*

Partimos do pressuposto de que a aula universitária, como as demais, para além de seus aspectos didáticos e pedagógicos, é um acontecimento marcado por relações e

interações sociais entre os atores. A fala da profa. Sandra é reveladora de que a aula é, um “acontecimento” que, embora previsível e rotineiro, é também, tal qual pensada por Cunha (1997) um fenômeno intempestivo, impulsivo, dinâmico, móvel, atemporal, permeado de ocorrências dignas de registro. Esses aspectos nos interpelam de forma a adentrar nos labirintos da aula para compreender a sua complexidade, o modo como os processos pedagógicos são produzidos e encenados pelos docentes e estudantes neste cenário. Considera-se, ainda, que fazem parte deste acontecimento o lúdico, a performatividade do gesto, ritmos/cadências, mas, também, aspectos fundantes da aula, tais como os conteúdos, as metodologias, os recursos didáticos e tecnológicos, a avaliação da aprendizagem.

A esse respeito o Professor Fred expressa:

*A aula é um espaço criativo, informativo e ao mesmo tempo lúdico (...) também é um espaço de conhecimento, que se torna por um momento muito duro, tenso, e, ao mesmo tempo a ludicidade no meu modo de ver é uma ferramenta muito importante que favorece o conhecimento. A aula é um espaço poli, é muita coisa, são muitas informações, muitos momentos, muitos gestos que são ali realizados. (...) É ilusão nossa a gente pensar que a sala de aula é o espaço privativo do professor. (...) E ser mediador de conhecimento é deslocar o foco e entender que o conhecimento já está ali antes dele. (...) Se sei que sou cúmplice da arte de conhecer, então o espaço da sala de aula, o dar a aula, certamente será um palco extremamente prazeroso. ( Prof. Fred, curso de Enfermagem)*

Ao estudar a aula é necessário analisar os vários aspectos que a constituem, considerando inclusive seu contexto mais geral, os aspectos exteriores e institucionais que a conformam. Daí a importância de levar em conta os aspectos objetivos - a materialidade da sala de aula e do estabelecimento escolar, bem como as condições laborais dos docentes, tanto quanto os aspectos subjetivos implicados na experiência universitária. Isto é, as significações que o docente imprime a seu trabalho, seus sentimentos, suas concepções e interpretações sobre suas práticas. Em resumo, estão em pauta textos e contextos que se processam nas temporalidades da longa duração histórica e dos tempos cotidianos docentes, nos quais se incluem as estruturas temporais presentes nos currículos, nos calendários e horários.



Conceber a aula como “acontecimento” que decorre de causas conhecidas e imediatas, previsíveis e imprevisíveis, não apenas *o que* acontece, mas *no que* acontece, possibilitou ver que a aula tem sua própria configuração(ões) – as aulas. Nestes termos, não podemos pensar a aula universitária num enquadramento previsível e padronizado que pode ser aplicado em contexto diverso; daí a razão de entendê-la no seu sentido plural, “aulas”. Dito de outra forma, por mais que a aula tenha aspectos invariantes que a façam ser reconhecida no singular – a aula, como acontecimento ela será desde sempre única, diversa, plural.

Estes elementos levam-nos a considerar ainda as políticas públicas de gestão educativa, neste estudo direcionadas para o ensino superior visto que os docentes quando encenam a aula, estão inseridos na institucionalidade e no contexto maior das IES, como também envolvem concepções e práticas políticas que orientam seu trânsito pela vida intelectual e acadêmica.

Desse modo, a aula deve ser vista antes de tudo como um espaço de relações sociais, de encontro, que ganhou contornos dinâmicos e complexos historicamente construídos, podendo ser entendida de uma ou outra maneira. A intenção e perspectiva de nossa investigação foi encontrar pistas para pensar a aula como um “acontecimento” marcante na vida dos docentes e discentes, buscando compreender a que horizontes de significação nos remete. Por que a aula universitária continua sendo um enigma? Por que ela continua sendo um momento de angústia, inquietação para alguns docentes e estudantes na universidade?

A aula, vista pela lente conceitual da *coreografia de ensino* (Oser & Baeriswyl, 2001) em diálogo com a perspectiva da aula como “acontecimento” é uma forma de buscar novos itinerários para se chegar ao mundo acadêmico e suas formas culturais instituídas e instituintes. O conceito de coreografia nesse estudo não é considerado no sentido estrito, mas perspectivado simbolicamente, discutindo as especificidades da prática pedagógica com referência à metáfora. Dessa maneira, a metáfora da coreografia consiste em visualizar uma aula em suas *estruturas visíveis* (sequências didática, temporalidades, interações pedagógicas, escuta, falas, etc.) em correspondência com a sequência da dança. Tal como na dança, em que o bailarino, a depender do paradigma que a conceitua (tradicional, moderna, contemporânea) poderá intervir na coreografia a

partir de seu repertório/corpo, os dançarinos/estudantes/docentes têm um repertório que pode ser acionado e inserido na coreografia da aula alterando sua configuração.

Ao investigar a aula não estamos deslocando um pedaço da dimensão que a constitui para depois analisar o seu todo, fragmentando a sua complexidade. A pretensão foi olhar a aula em suas múltiplas relações com o contexto mais ampliado, que implica em considerar os aspectos objetivos (a institucionalidade, as condições de trabalho), e os subjetivos (significações que o docente imprime a seu trabalho, seus sentimentos, suas concepções e interpretações sobre suas práticas), seus textos e contextos, suas dimensões estruturais (de longa duração) e cotidianas (da vida do dia-a-dia etc).

#### DA(S) AULA(S) COREOGRAFADA(S) E DO ACONTECIMENTO

As concepções, as imagens e as metáforas da coreografia e da aula universitária podem traduzir uma boa maneira de aceder ao saber-fazer com o qual os docentes criam e recriam suas aulas, encenando uma coreografia que se renova constantemente. Essa dimensão se apresenta como uma via inclusiva não só referenciada no formalismo da aula universitária, mas nas multirreferencialidades dos sujeitos engajados no seu “acontecimento”.

Não obstante a(s) aula(s) universitárias aparentemente se apresentarem, como “rotineiras” em suas dimensões estruturais e cotidianas pela força do dia a dia, os processos interativos não se repetem. Cada dia de aula é diferente do outro. Assim, os dias, os turnos, os tempos, os sujeitos, os ritmos, os sentimentos e emoções, os assuntos, as estratégias metodológicas são vivenciados diferentemente em sua dinâmica e processualidade pelos atores sociais, os docentes e os estudantes. É nessa dinâmica da aula que a concretude do trabalho docente se efetiva.

As teias e tramas tecidas e interpretadas pelos docentes que compõem a coreografia da aula universitária é que buscamos compreender, mesmo considerando a impossibilidade desta investigação apresentar aspectos conclusivos e padronizados de aulas.

No que tange aos fundamentos que os docentes pesquisados evocam para dizer/falar de suas escolhas, observa-se, antes de tudo, que esses fundamentos são expressos em imagens/representações da realidade que são carregadas de significações e nos conduzem a entender por que, em algumas situações, os docentes confirmam suas práticas e, em outras, as negam, as lembram ou esquecem. Por assim entender, durante o

processo de investigação foi dada atenção a essas aparentes contradições entre o “dizer” e o “fazer” e explorá-las, porque na expressão de Mezirow (1991, p. xiii) não é tanto o que acontece às pessoas, mas sim o modo como interpretam e explicam o que lhes acontece que determina as suas ações.”

Direcionando o olhar para a globalidade da aula universitária verificamos que algumas práticas docentes são convergentes nos elementos coreográficos. O que diferencia esses professores são as formas de conceber e ritualizar esses elementos. Nos seus depoimentos, os docentes expressam, à primeira vista, uma ruptura com a concepção mais conservadora de aula, ou seja, do “altar sagrado”. Por unanimidade, todos os docentes pesquisados posicionaram-se de forma crítica quanto ao fato de a aula universitária baseada na transmissão/informação do conteúdo ser uma garantia de aprendizagem do estudante.

Todavia, a função didática *informação/transmissão* (na classificação de Altet, 2000) centrada no conteúdo e ligada ao saber disciplinar ainda é muito forte nas aulas ministradas nos cursos de Direito e Informática, o que traduz um distanciamento entre o que os professores dizem e o que realizam como aula. Esse distanciamento traz à superfície uma questão interessante: os docentes se mostram desejosos de ruptura tanto em relação à concepção instrutivista e à “aula magistral”, centrada apenas no professor e na passividade do estudante, quanto em relação à maneira de tratar o conhecimento como verdade absoluta, e revelam conceber o estudante como um sujeito que traz consigo um conhecimento e as experiências de sua trajetória na educação básica que é importante reconhecer.

De outra parte, sabe-se que a aula não é apenas um meio de transmissão de conteúdos, mas que representa a descoberta de movimentos, de elementos, de interações face a face que se fundamentam num fazer pedagógico, ético, estético, artístico e significativo, em que a arte e a ciência, analogicamente presentes em suas falas, são faces da mesma moeda.

Considerando, ainda, que o conhecimento prático implica um ponto de vista dialético entre a teoria e a prática, a voz do professor sobre o que ele *faz, como faz e por que faz* torna-se essencial. Suas narrativas permitem compreender um conjunto de disposições sobre a docência e sobre a maneira como ministram a aula universitária. Há, nelas, como que sugestões para a realização da prática docente, de modo que o

ensino universitário seja, segundo cada um desses olhares, “o que é”. De acordo com Guimarães (2004, p. 81), a ação do professor é significativa se imputável a um sujeito não unicamente epistêmico, mas a um sujeito existencial que, na afirmação de Tardif & Raymond (2000, p.235), é “uma pessoa completa, com seu corpo, as suas emoções, a sua linguagem, o seu relacionamento com os outros e consigo mesmo.”

Entretanto, embora os docentes tenham analisado a imagem da aula universitária vista para além da transmissão do conteúdo, ao relacionar seu discurso e sua prática, ou seja, o que *dizem* e o que *fazem*, constata-se que suas falas expressam um modelo ideal de “boa aula”, ou o desejo de como ela deveria ser, e não a aula real, aquela por eles encenada na sala de aula. Ao afastar-se do aspecto objetivo (a aula real), deslocam sua atenção para o subjetivo (a aula ideal). Nesse caso, o discurso soa mais como uma necessidade de se adequar às exigências da retórica atual e, talvez por isso, essa tentativa de crítica do predomínio da transmissão de conteúdo não produza avanço considerável nas aulas universitárias, revelando a contradição entre o ideal de aula e a aula real. Há docentes que, em termos ideais, recusam simplesmente a transmissão do conhecimento, sem apontar para uma explicação convincente, apoiando-se apenas no senso comum (BECKER, 1993, p. 64).

Com efeito, é uma direção que nos obriga a olhar a prática pedagógica e a aula universitária, não mais como unidimensionais, uma ação habitual, mecânica, e rotineira, mas como multidimensional, com ações vivas que se conjugam de múltiplas formas. Uma dança didática entre aprender ensinando e ensinar aprendendo sempre resignificada, ampliando assim o campo de significados que atravessam a sala de aula, renovando e diversificando a rotina do curso e da universidade, dando a aula outros ritmos, outras dinâmicas como uma coreografia.

A aula universitária assim apreendida se desloca do “altar sagrado” e revela-se como um “acontecimento”. Em sua configuração sociológica e pedagógica, objetiva e subjetiva, deve ser entendida não como tempo/espaço demarcado unicamente pelo instituído, mas também pelas práticas instituintes de um ambiente relacional, composto pelas estruturas visíveis instituídas (conteúdos, sistemas de avaliação, metodologias) e pelas estruturas não visíveis, que se revelam por meio da rítmica temporal, na performatividade dos gestos, e abrigam as relações, a afetividade, as tensões, o inédito, o indeterminado da ação humana.

## REFERENCIAS

ALTET, Marguerit. *Análise das práticas dos professores e das situações pedagógicas*. (J. Ferreira & J. Cláudio, Trad.). Porto: Porto Editora. 2000.

BECKER, Fernando. *A epistemologia do professor: o cotidiano da escola*. Petropolis, RJ: Vozes. 1993.

BEILLEROT, Jacky. *A sociedade pedagógica*. Porto: Rés, 1985.

CUNHA, Maria I). Aula Universitária: inovação e pesquisa. In: Morosini, M. C. & Leite, D. (Org.). *Universidade futurante: produção do ensino e inovação*. Campinas: Papirus. 1997.

\_\_\_\_\_. Diferentes olhares sobre as práticas pedagógicas no ensino superior: a docência e sua formação. *Educação*, Porto Alegre, RS, ano XXVII, v. 3, n. 54, p. 525-536, set./dez. 2004.

DUSSEL, Inês & CARUSO, Marcelo. *A invenção da sala de aula: uma genealogia das formas de ensinar*. (C. Antunes Trad.). São Paulo: Moderna. . 2003.

GUIMARÃES, M. de F. *A fidelidade à origem. O desenvolvimento de uma professora de Matemática*. Lisboa: Edições Colibri: Centro de Investigação em Educação. Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa. 2004.

LARROSA, Jorge. *Pedagogia Profana: danças, piruetas e mascaradas*. (A. Veiga-Neto Trad) (4. ed.) Belo Horizonte: Autêntica. 2004.

LIBÂNEO, José C. O ensino de graduação na universidade: a aula universitária. Recuperado em dez 2011. [http://www.ucg.br/site\\_docente/edu/libaneo/pdf/ensino/.pdf](http://www.ucg.br/site_docente/edu/libaneo/pdf/ensino/.pdf)

LUCARELLI, Elisa. *El asesor pedagógico en la universidad*. De la teoría pedagógica a la práctica en la formación. Buenos Aires: Paidós. 2000.

MEZIROW, J. *Transformative dimensions of adult learning*. San Francisco: Jossey-Bass. 1991.

OSER, Fritz K & BAERISWYL, F. J. Choreografias of teaching: bridging instruction to teaching. In: Richardson, V. (Edit). *Handbook of research on teaching*. (4. ed. pp.1031-1035) Washington: American Educational Research Association, 47. 2001.

TARDIF, Maurice & RAYMOND, C. Saberes, tempo e aprendizagem do trabalho no magistério. *Educação e Sociedade*, Campinas, SP, 21, 73, 209-241. 2000.

ZUBEN, Newton A. Von. Sala de aula: da angústia do labirinto a fundação da liberdade. In: Moraes, Régis de (Org.). *Sala de aula que espaço é esse?* (4. ed.) (pp.27-38) Campinas: Papirus. 1989.